FACULDADE EFICAZ
Fazendo parte da sua história!

|44| 3029-9094 / 3227-4046
www.faculdadeeficaz.com.br

Av. João Paulino Vieira Filho,729
CEP: 87020015 - Maringá / PR

ÁFRICA E A CULTURA AFRO-BRASILEIRA[1]

CRISPIM, Rogérica Pereira Rodrigues[2]

RESUMO: O presente artigo relatará como surgir e foi retratada a história da África antes e depois da chegada dos europeus ao continente africano, a dificuldade dos autores em construir a história da áfrica, o tráfego negreiro dos escravos da África para a Europa e America pelos portugueses, as condições dos negros que foram vendidos como mercadoria para mão de obra em outros países que aderiram à escravidão como recurso para o crescimento econômico, a desvalorização dos negros na concepção dos europeus durante a colonização do continente africano e a influência contemporânea dos negros na cultura brasileira através da religião, da musica e da dança.

PALAVRAS-CHAVE: África. Negro. Cultura Afro-brasileira

ABSTRACT:. This article will report to emerge and was portrayed the history of Africa before and after the arrival of Europeans to Africa, the difficulty of the authors in building the history of Africa, the slave traffic of slaves from Africa to Europe and America by the Portuguese, black of the conditions that were sold as a commodity for labor in other countries that joined the slavery as a resource for economic growth, the devaluation of black in the design of Europeans during the colonization of the African continent and the contemporary influence of blacks in Brazilian culture through religion, music and dance.

KEYWORDS: *Africa. Black. Afro-Brazilian culture*

INTRODUÇÃO

A África é considerada o continente mais pobre do mundo, trata-se de um grande continente, com vários Estados sem ligação entre si, muitas histórias, e culturas extremamente ricas, e os poucos que contribuíram com informações para a história da África tiveram formação nas universidades europeias, em virtude de que os europeus afirmavam que a história da África existiu depois de sua colonização. Para falar da História da áfrica temos que fazer vários apontamentos importantes para que fique com uma contextualização ampla e bem colocada, tem que ser analisado cada colocação primeira: De qual África se está falando? Das civilizações anteriores à colonização europeia? Períodos de conflitos durante ou depois da

[1] Artigo de conclusão de curso apresentado ao Programa de Pós-graduação em (Educação no Campo, Indígenas e Quilombolas), área de (Educação).
[2] Pós-Graduação em (Educação no Campo, Indígenas e Quilombolas) (Faculdade Eficaz de Maringá/ PR). Contato: (rogericadebora@hotmail.com)

|44| 3029-9094 / 3227-4046
www.faculdadeeficaz.com.br

Av. João Paulino Vieira Filho,729
CEP: 87020015 - Maringá / PR

exploração pelo homem branco? Da África rica ou da África pobre, da cultura ou da fome? Como desenvolve a economia? A evolução do Continente? Qual a cultura deste povo? E Qual a relação do Brasil com a África?

> História da África concebida enquanto Continente; berço da humanidade, marcado por reinos, civilizações e organizações políticas que datam de um período anterior à colonização, neste contexto, são agregados plausivelmente às guerras nacionais (reino contra reino), o mercantilismo e mais especificamente a escravidão pré-colonial que consistia na captura, aprisionamento e servidão para pagamentos de dividas. O tráfico negreiro como entendemos hoje é produto do século XV até o século XIX, onde se efetiva as invasões portuguesas, francesas, inglesas entre outras nações para a maior comercialização e exploração humana da História. (REINALDO 2010, pag. 1).

Este tema também é de grande relevância, pois desperta a pergunta “Por que escravos?” de onde vieram e por que foram tão maltratados e o que esse povo tão sofrido contribuiu na cultura brasileira, pois muitas vezes a mídia transmite uma forma muito abstrata desta realidade. No acervo de uma biblioteca e na própria internet tem amplos estudos sobre a história dos africanos e estas fontes históricas trás aos pesquisadores a possibilidade de buscar relacionar o antigo com o novo.

Quanto aos meios de abordagem do problema, a pesquisa foi classificada como qualitativa, pois foram analisados os dados da amostra e interpretados. Para Beuren *et al* (2008, pag. 92), na pesquisa qualitativa “[...]concebem-se análises mais profundas em relação ao fenômeno que está sendo estudado”.

Com relação aos procedimentos técnicos da pesquisa, esta foi classificada em bibliográfica. Para Gil (2006, pag.44), a pesquisa bibliográfica “[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído de livros e artigos científicos”.

A pesquisa bibliográfica sobre o tema do artigo será embasada nos seguintes autores: Beuren (2008), Fructuozo e Amaral (2010), Gil (2006), Mattos (2007), Mokhtar (2010), Reck (2013), Reinaldo (2010), Rocha (2010) e Silvério (2013).

|44| 3029-9094 / 3227-4046
www.faculdadeeficaz.com.br

Av. João Paulino Vieira Filho,729
CEP: 87020015 - Maringá / PR

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A África mesmo com uma história tão ampla e considerada o “berço da Humanidade” devido ao fato de estudos arqueológicos comprovarem que foi no continente que surgiu o primeiro hominídeo, o Homo Sapiens. Silvério (2013) descreve que a história da África é muito antiga, e os primeiros historiadores tinha uma visão limitada sobre a África, isto porque não tinha contatos na África que poderiam esclarecer está história, por isso, as informações eram antigas e raras fornecidas por Heródoto, Manetão, Plínio e outros. Estas informações cedidas por esses antigos autores eram questionada se realmente era fato verdadeiro.

No século IV e XV, os autores árabes já obtinham mais informações sobre o Sael sudanês e da costa oriental, devido ao comercio regular transaariano que acabavam tendo conhecimento das regiões da África, mas sem dados sobre as mudanças que ocorreram ao longo do tempo. Um dos primeiro historiador a trabalhar com a história da África moderna foi autor americano que começou a estudar os povos mediterrâneos, Ibn Khaldun (1332-1406), uma parte de sua obra que é consagrada à África.

No século XV, com a vinda dos europeus nas regiões costeira da África Tropical, como a Costa da Guiné – África Ocidental, a região do Baixo Zaire, Angola, o Vale do Zambeze, as altas terras vizinhas e a Étiopia, começou a ter a produção de obras literárias, o que facilitou os estudos para os historiadores modernos. Conforme o mesmo autor Silvério (2013), a partir do século XVIII com a cultura europeia dominante, começaram a desvalorizar as sociedades que não fossem europeias afirmando que não tinham história digna de ser estudada. Neste período o estudo da história da África ficou mais difícil mesmo com maior atenção dos historiadores europeus sobre o continente.

A história da África tomou um rumo desconhecido, o da cor de pele, isso denominou a África como um continente de povos negros onde até hoje se conhece como parte principal da história africana, se esquecendo de suas culturas e suas riquezas. Um continente tão rico e ao mesmo tempo tão pobre com uma história tão bonita, mas esquecida, deixaram de retratar o principal valor do povo negro na cultura de um país, e a sua própria história foi comandada pelos europeus.

|44| 3029-9094 / 3227-4046
www.faculdadeeficaz.com.br

Av. João Paulino Vieira Filho,729
CEP: 87020015 - Maringá / PR

No século XIX, com uma nova percepção do trabalho do historiador como atividade científica fundada sobre á analise de fontes escritas, a África não tinha documentos suficientes para estudo, por isso, os europeus contam a história da África depois de sua chegada ao continente afirmando que:

> A África não possuía nenhuma história antes da chegada dos europeus porque o seu passado só podia ser reconstituído a partir de testemunhos dos restos materiais, da linguagem e dos costumes primitivos, o que não era do domínio dos historiadores, e sim dos arqueólogos, linguistas e antropólogos. (SILVÉRIO 2013, pag. 27).

O pensamento eurocêntrico que os europeus tinham sobre a África, a história colonial foi deixada na responsabilidade de homens que já obtinham conhecimento de assuntos coloniais, o que tornou a história colonial diferente do contexto da história da África. Os antropólogos e linguistas ao longo do tempo conforme as suas disciplinas passaram a ter interesse pela a grande variedade de sociedade, tipos físicos e línguas africanas diferentes existentes na África, onde começaram as suas pesquisas a campo e foram os pioneiros neste trabalho.

Conforme Silvério (2013), no final do século XIX e inicio do século XX, com a superioridade dos europeus sobre os negros africanos devido à conquista de suas terras, acreditava-se que estavam dando continuidade a um processo de civilização que havia começado com outros invasores de pele clara, conhecidos como camitas anteriores a eles. Com o crescimento do interesse dos europeus sobre a África, passou a ter variedades de registros escritos, o que permitiu os africanos a se interessar sobre sua história, e os africanos que tinha aprendido a ler o alfabeto latino passou a escrever a história de seu povo de acordo com que realmente tinha acontecido e não como os europeus haviam escrito.

> Na África, tudo é “História”. De todas as “Histórias”, a maior e mais significativa é a do próprio homem, simbiose de todas as “histórias”, uma vez que, segundo mito, foi feito com uma parcela de tudo o que existiu antes dele. Todos os reinos da vida (mineral, vegetal e animal) encontram-se nela. A iniciação o fará descobrir a sua própria relação com o mundo das forças e o conduzira ao automínio, sendo a finalidade última a tornar-se um “homem completo”. (SILVÉRIO 2013, pag.58).

|44| 3029-9094 / 3227-4046
www.faculdadeeficaz.com.br

Av. João Paulino Vieira Filho,729
CEP: 87020015 - Maringá / PR

Neste sentido, uma parcela da juventude culta da África, vê a necessidade de voltar às tradições ancestrais e regastar valores fundamentais na busca de suas raízes e identidade, devido ao desaparecimento de tesouros insubstituíveis e monumentos vivos da cultura africana, e até hoje a história da África é esquecida e manipulada conforme interesses, mas ela é rica e esplêndida, e deve ser trazida para a realidade atual, isso leva a pensar como se começou a produzir a história da África.

Conforme Fructuozo e Amaral (2010), a colonização da África teve inicio entre o século XIV e XV se estendendo ate o século XX, com a exploração dos europeus pela ocupação territorial da África, matéria-prima, prestígio nacional e domínio político sobre o continente africano e os novos mercados. O Egito foi dominado pela França juntamente com a Argélia, enquanto a Líbia estava sobre o comando italiano, e os portugueses tinha o domínio em Angola, São Thomé e Príncipe, Moçambique e Guiné-Bissau.

No século XV a Europa estava em grande expansão das rotas marítimas em função da busca de produtos manufaturados e especiarias da Índia. Conforme Silvério (2013), a partir de 1500 começou um novo sistema econômico, que se utilizava do Atlântico como rota comercial interligando a Europa, a África e as Américas.

Em 1525 os portugueses começaram a ter dificuldades na exploração do ouro devido seus preços elevados em relação aos outros negociantes franceses, ingleses e holandeses, diante a este fato, os portugueses perceberam que a África possuía outra mercadoria que os europeus precisavam que eram os escravos. O comércio de venda de escravos já existia entre o Sudão e os países árabes, com isso, os portugueses passaram a conseguir escravos de uma grande parte da África Ocidental e ignoraram os conflitos que isso geraria entre os diversos povos e Estados africanos, pois como muitos outros países e a Europa acreditavam que “o tráfico abria aos negros o caminho para a salvação: não sendo cristãos, os negros haveriam de ser condenados por toda a eternidade se ficassem em seus países”. (SILVERIO 2013, p.18).

Durante o século XV e início do século XVI, os negros era a principal mercadoria do comercio Europeu, principalmente pelos portugueses e os países de dominação espanhola, e utilizavam as ilhas do Atlântico para o tráfico negreiro. Os

|44| 3029-9094 / 3227-4046
www.faculdadeeficaz.com.br
Av. João Paulino Vieira Filho,729
CEP: 87020015 - Maringá / PR

escravos trabalhavam nas plantações de algodão e cana-de-açúcar, e os que iam para Portugal e os territórios espanhóis exerciam serviços domésticos ou artesãos por falta de qualificação.

Segundo Silvério (2013), a disseminação da grande quantidade de negros trazidos da África pelos portugueses para as colônias espanholas da America no final do século XVI também se estendeu ao Brasil português. A população negra do Brasil sofreu um aumento de 40.000 a 450.000 para trabalhar nas plantações da cana-de-açúcar. A partir do cultivo da cana-de-açúcar na America o tráfico negreiro se intensificou e a África passou a desempenhar um papel muito importante, o de fornecedora de mão de obra numa grande quantidade para uma economia mundial que estava em pleno desenvolvimento.

Para Mattos (2007), foram trazidos do continente africano uma estimativa de 10 e 11 milhões de escravos, aproximadamente, e para America era levado 60 mil escravos por ano. Ou seja, a exploração do “negro – inferior” pelo “homem branco – superior” tomou proporções desumanas, no qual, [...] “o negro, marcado pela pigmentação da pele, transformado em mercadoria e destinado a diversas formas compulsórias de trabalho, também é símbolo de uma essência racial imaginária, ilusoriamente inferior”. (FRUCTUOZO e AMARAl 2010 apud HERNANDEZ 2008, p. 23).

Assim os europeus se justificavam que era necessário levar a este povo fraco, de pouca inteligência a cultura europeia, o conhecimento intelectual e a tecnológica, ou seja, uma nova civilização ignorando a sociedade e cultura que já havia estabelecida na África. De acordo com Mattos (2007), antes da colonização dos europeus, os escravos eram utilizados como concubinas, criados, soldados e como mercadorias de exportação para o deserto de Saara e outras localidades. Os negros faziam guerras entre si, em virtude do processo de expansão, e os povos subjulgados passavam a ser servos, também faziam raptos de mulheres que falavam línguas importantes e na tentativa de sobreviver por causa da fome vendia a si mesmo ou parentes. Esses escravos eram trocados por pólvora, arma de fogo, tecidos, vinhos, aguardente, fumos brasileiros, facas, espelhos e tapetes.

Conforme os interesses dos europeus durante o século XIX e início do século XX a África foi dividida. De acordo com Fructuozo e Amaral (2010), essa divisão do continente africano iniciou-se na Conferencia de Berlim entre os países

|44| 3029-9094 / 3227-4046
www.faculdadeeficaz.com.br

Av. João Paulino Vieira Filho,729
CEP: 87020015 - Maringá / PR

europeus que eram aliados, com intuito de delimitar as expansões das colônias, regulamentação das navegações, entre outros, no qual, os europeus tinha uma única preocupação com a divisão da África o acúmulo de território e metais preciosos, mas os africanos não aceitaram esta condição por muito tempo e começaram a buscar por sua cultura e sua história.

> Desde que foram empregadas às noções de “brancos” e “negros”, para nomear genericamente os colonizadores, considerados superiores, e os colonizados, os africanos foram levados a lutar contra uma dupla servidão, econômica e psicológica. Marcado pela pigmentação de sua pele, transformado em uma mercadoria entre outras, e destinado ao trabalho forçado, o africano veio a simbolizar, na consciência de seus dominadores, uma essência racial imaginária e ilusoriamente inferior: a de *negro*. Este processo de falsa identificação depreciou a história dos povos africanos no espírito de muitos, rebaixando-a a uma etno-história, em cuja apreciação das realidades históricas e culturais não podia ser senão falseada. (MAKHTAR 2010, pag. XXII).

Quando se fala em história da cultura Africana, começa pela parte de uma África sofrida e pobre, sem buscar a verdadeira história colocando em prática os prazeres de ver uma história bem amparada e bem definida. Até hoje a história da África é esquecida e manipulada conforme interesses, mas ela é rica e esplêndida, e deve ser trazida para a realidade atual, isso leva a pensar como se começou a produzir a história da África.

> Conhecer a historia da África para nós brasileiros mais que um estudo sobre temas e situações do continente africano, é um conhecimento de nós mesmos, de nossa própria história. Corre nas veias, em nosso sangue, uma africanidade que não é mais possível ser negada. Os processos de embranquecimento, que tantos danos têm causado à construção das identidades negras não são mais passíveis de serem aturados. (ROCHA 2010, pag.101).

A partir do momento em que se conhece de fato a história da África, entendemos um pouco sobre o nosso país e a nossa cultura, uma vez que, essas heranças foram deixadas pelos negros que vieram para o Brasil trabalharem para os senhores de engenhos. Nossa sociedade tem muita influência do povo africano como, por exemplo, a música, comida, religiões, etc. por isso, deveriam ser

|44| 3029-9094 / 3227-4046
www.faculdadeeficaz.com.br
Av. João Paulino Vieira Filho,729
CEP: 87020015 - Maringá / PR

valorizados essas heranças que foi deixada, pois foi através do trabalho deste povo que temos a riqueza deste país.

Mesmo com as péssimas condições de trabalho, moradia, comida, a obrigatoriedade do catolicismo, a imposição da língua portuguesa para se comunicarem os negros não deixou sua cultura acabar. “Escondidos, realizavam seus rituais, praticavam suas festas, mantiveram suas representações artísticas e até desenvolveram uma forma de luta: a capoeira”. (RECK 2013, pag.406),

A capoeira além de dança, os negros utilizavam também como forma de defesa quando fugia das senzalas, por isso, a capoeira por muito tempo sofreu repressão porque os seus senhores diziam que dava ao capoeirista um sentido de nacionalidade, individualidade e autoconfiança, formando grupos coesos e jogadores ágeis e perigosos, mas em 15 de Julho de 2008, a capoeira passou a ser Patrimônio Cultural e registrada como Bem Cultural de Natureza Imaterial.

Quando os escravos fugiam e eram regatados de volta para seus senhores sofriam castigos físicos, muitos desses escravos com a falta de seus familiares que estavam longe viam no suicídio uma forma de se livrar da escravidão, na forma de afogamento, pois tinha um significado muito importante para os negros porque o mar era a separação entre a vida e a morte, “[...] os africanos achavam que assim, por meio das águas dos rios, libertariam sua alma para fazer a travessia de volta à sua terra”. (MATTOS 2007, pag. 131). Em meados do século XIX nas fazendas cafeeiras a vidas dos escravos foi melhorando em virtude do movimento abolicionista e de medidas sanitárias para que os escravos tivessem uma condição melhor de sobrevivência.

Apesar dessa melhoria o trabalho dos escravos foi intensificado, com isso, reivindicaram uma série de direitos adquiridos, como a redução jornada de trabalho, as folgas, permissão para o próprio cultivo, diminuição dos castigos, e isso tudo, foi acompanhado de ameaças e ataques aos senhores de engenho e feitores. Em 1880 os escravos tornaram-se mais violentos com insubordinações, fugas, assassinatos gerando medo à população e autoridade local. Na segunda metade do século XIX surgiram cidades que era favorável com a extinção da escravidão através do movimento abolicionista.

|44| 3029-9094 / 3227-4046
www.faculdadeeficaz.com.br

Av. João Paulino Vieira Filho,729
CEP: 87020015 - Maringá / PR

> Após a abolição da escravidão, os africanos e seus descendentes tiveram de enfrentar o difícil acesso ao mercado de trabalho livre, a discriminação e a exclusão social. Diante desses obstáculos, os negros não se abateram, organizaram-se em ações políticas e culturais, que deram origem a um forte movimento em torno da identidade negra, na tentativa de derrubar os preconceitos e alcançar a igualdade social. Além disso, continuaram influenciando a sociedade brasileira ao preservarem manifestações como as congadas os maracatus o ao criarem outras como os afoxés e blocos afros o maxixe o samba o movimento hip-hop compondo assim a cultura afro-brasileira. (MATTOS 2007, pag.217).

Essas manifestações geralmente eram realizadas pelos negros escravos e libertos nos dias de descanso, além das manifestações citadas acima, também praticavam outras manifestações culturais realizadas pelos negros como o batuque marcado por música introdução de palmas e movimentos de dança e outras práticas das rodas musicais africanas como o lundu (umbigada) e o samba.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo destaca como os africanos foram tratados pelos europeus, tanto quanto a sua cultura e a sociedade como também a sua história, eram considerados inferiores ao branco, no qual, só os europeus tinham cultura e conhecimento e que a África não era digna de sua história antes de sua chegada e colonização do continente africano, ignorando todo o conhecimento, sociedade e cultura que já havia na África. Durante a colonização da África os europeus, principalmente os portugueses que estavam com dificuldades com os preços de suas mercadorias em ralação aos outros países, perceberam na África uma nova mercadoria para o comercio, a venda de escravos como mão de obra para os europeus e para a América que estava em pleno desenvolvimento e a África passou então a ser a maior fornecedora de não de obra na época.

Os escravos eram trazidos da África para a Europa e a América em navios negreiros, com péssimas condições e pouca comida, muitos escravos não aguentavam a viagem que era longe e morria no meio do caminho, e estes eram jogados no mar, e os que resitiam e conseguiam chegar ao destino a onde iam ser entregues estavam cansados e fracos. Os escravos trabalhavam nas lavouras de

|44| 3029-9094 / 3227-4046
www.faculdadeeficaz.com.br

Av. João Paulino Vieira Filho,729
CEP: 87020015 - Maringá / PR

cana de açúcar, algodão, serviços domésticos e artesão por falta de estudo e conhecimento.

Os escravos que vieram para o Brasil eram vendidos para os Senhores de Engenhos para trabalhar na lavoura de cana-de-açúcar e mais tarde com a exploração das minas de ouros, viviam em senzalas, galpão fechado, tinha pouca comida, se não atendia as vontades dos seus senhores eram extremamente castigados. Por causa, dos maus tratos e dos castigos rígidos muitos escravos fugiam das fazendas onde trabalhavam e os que eram pegos fugindo eram castigado e torturados.

Durante muito tempo o comércio de escravo permaneceu forte, mas aos poucos o movimento abolicionista começou a intervir para diminuir a exploração dos escravos, implantando jornadas de trabalho reduzida, melhor condições de vida, moradia, etc. e outros, e aos poucos a escravidão foi acabando.

> O legado africano está presente no Brasil e se manifesta na dança, no gestual, na religiosidade, nos hábitos alimentares e na forma de ver a vida. A História Afro-brasileira é resultado dessa fusão cultural que transcende as estruturas físicas e se enraíza na alma dos afro-brasileiros. No entanto, a História Afro-brasileira deve ser explicitada sob a ótica dos escravizados, dos movimentos de resistência, a não passividade diante do sistema escravista, o mapeamento de territórios e comunidades negras rurais e urbanas, as contribuições e valorização do trabalho negro para o Brasil. Nessa perspectiva buscamos a ressignificação (positiva) dos afro-descendentes na educação e sociedade brasileira. (REINALDO 2010, p.1).

No Brasil os africanos influenciaram na cultura brasileira como a capoeira que era uma forma de dança e também servia como defesa quando os escravos fugiam das fazendas dos seus senhores, a religião africana que a fé nos orixás se misturou à fé nos santos católicos e o resultado disso tudo foi à incorporação dos costumes africanos pelos brasileiros, essa pratica da religião formaram o candomblé e a umbanda, também influenciaram na culinária e na música exemplo o samba.

|44| 3029-9094 / 3227-4046
www.faculdadeeficaz.com.br

Av. João Paulino Vieira Filho,729
CEP: 87020015 - Maringá / PR

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

BEUREN, Ilse Maria *et al*. **Como Elaborar Trabalhos Monográficos em Contabilidade:** teoria e prática. 3. ed. 2. reimp. São Paulo: Atlas, 2008.

_____**Capoeira vira patrimônio cultural brasileiro.** http://www.palmares.gov.br/?p=2744&lang=es. Acesso em 01 out. 2016.

FRUCTUOZO, Ligia Maria Lario e AMARAL, Sergio Tibiriça. **África: O Despertar de um Continente**. 2010. http://intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/ETIC/article/viewFile/2038/2137. Acesso 01 0ut. 2016.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de pesquisa.** 4 ed. São Paulo: Atlas 2002.

MATTOS**,** Regiane Augusto de. **História e Cultura Afro-brasileira**/ Regiane Augusto de Mattos. – São Paulo: Contexto, 2007.

MOKHTAR, Gamal. **História geral da África, II: África antiga** / editado por Gamal Mokhtar. – 2.ed. rev. – Brasília : UNESCO, 2010. 1008 p. ISBN: 978-85-7652-124-2 1.

RECK, Daffine Natalina. **Breve história da África e dos africanos e o ensino de história e cultura afro-brasileira nas escolas: da historiografia africana à aplicação da Lei 10.639/ 03. Revista Latino-Americana de História.** Vol. 2, nº. 6 – Agosto de 2013 – Edição Especial © by PPGH-UNISINOS. file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/204-759-1-PB%20(1).pdf. Acesso em 05 Out. 2016.

REINALDO, Telma Bonifacio dos Santos**. Proposta Metodológica para o Ensino de História da África** disponível: http://www.recantodasletras.com.br/artigos/2048036. Acesso 10 Set. 2016.

ROCHA, Jose Geraldo de**. História da África e Cultura Afro-brasileira. Revista Magistro** (Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Ciências Humanas – UNIGRANRIO), vol.1, n. 1, 2010. Disponível em: http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/magistro/article/view/1017/0. Acesso 03 out. 2016.

|44| 3029-9094 / 3227-4046
www.faculdadeeficaz.com.br

Av. João Paulino Vieira Filho,729
CEP: 87020015 - Maringá / PR

SILVÉRIO, Valter Roberto. **Síntese da coleção história Geral da África: Pré-história ao século XVI** / coordenação de Valter Roberto Silvério e autoria de Maria Corina Rocha, Mariana Blanco Rincón, Muryatan Santana Barbosa. – Brasília: UNESCO, MEC, UFSCar, 2013.

SILVÉRIO, Valter Roberto. **Síntese da coleção história Geral da África: século XVI ao século XX/** coordenação de Valter Roberto Silvério e autoria de Maria Corina Rocha e Muryatan Santana Barbosa. – Brasília: UNESCO, MEC, UFSCar, 2013.